



**O inspira(dor) mundo moderno:
notas sobre melancolia na atualidade**

Antonia Vieira Santos¹

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo discutir algumas notas sobre a melancolia na atualidade, partindo do pressuposto de que as condições da vida moderna favorecem transformações subjetivas, o que causa mudanças na organização dos afetos e nos sentimentos dos sujeitos que vivem nesta era. A atualidade está dada por uma sociedade narcísica e do espetáculo, produtora de (de)pressões e apelos por uma busca de felicidade e de gozo sem limites, o que tem se tornado árduo demais para os sujeitos sustentarem. A melancolia surge nesse processo para o sujeito de modo desastroso, doloroso e destrutivo, apontando para uma impotência de respostas e de um furo no psiquismo.

Palavras-chave: Atualidade. Melancolia. Espetáculo.

L'inspireur monde moderne: notes sur la mélancolie actuelle

Résumé:

Ce travail a pour objectif de parler de quelques notes sur la mélancolie actuelle en partant du principe que les conditions de la vie moderne permettent des transformations subjectives, ce qui cause des changements sur l'organisation de l'affection et des sentiments des sujets qui vivent à cette époque. L'actualité est caractérisée par une société narcissique et de spectacle, productrice de pressions et d'appels à une recherche du bonheur et de la moquerie sans limite, ce qui peut devenir très ardu pour les sujets entretenus. De ce procédé, la mélancolie surgie pour le sujet de façon désastreuse, douloureuse et destructive, montrée par une impuissance des réponses et d'un trou au psychisme.

Mots clé: Actualité. Mélancolie. Spectacle.

¹ Graduada em Psicologia; especialista em Psicologia Social e em Saúde Mental Coletiva; mestre em Ciências Sociais; participante do Espaço Moebius de Psicanálise. Atua em Instituição e Clínica.



As transformações sociais, econômicas e culturais, alcançadas no processo de modernidade, são produtoras e potencializadoras de fenômenos modificadores das formas de constituição da subjetividade. Essas transformações são consequências das vivências dos sujeitos na era moderna, momento este, que tem como características fundamentais a liquidez nas ações, a fragmentação, a indeterminação, a desesperança e a desconfiança nos discursos. Estas condições de vivências dos sujeitos têm produzido mudanças nas posições subjetivas, tornando-se a origem de dores psíquicas.

Freud (1931/1996, p. 83) em *O Mal-estar na Civilização*, coloca com veemência que os sujeitos sofrem na atual civilização, e usam de métodos para alcançar a felicidade e manter afastado o sofrimento. *A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis.* O que nos leva a questionar as posições subjetivas, tomadas nessa busca de felicidade, nesse contexto histórico.

Há de se considerar, deste modo, que esta época evidencia uma sociedade voltada para a vida privada e que em uma ambiguidade, faz-se espetacularizada, onde as relações efetivadas são de competição inventada pela sociedade do consumo, asseguradas pela vontade de perfeição, beleza, juventude e felicidade plena; ingredientes comprados em cápsulas, em uma busca pela onipotência. Para Freud (1931/1996, p. 84) os sujeitos *esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer.*

C. Lasch (1983), em *A cultura do narcisismo*, empoderado pela teoria de Freud (1926/1996) *Sobre o narcisismo: uma introdução*, articula a era moderna a uma momento da história marcado pelos ideais narcísicos, uma sociedade contemporânea que se fez patológica, pois constitui-se de forma narcísica em seu modo de operar com o gozo imediato e sem barras, onde goza-se a qualquer preço.

O sujeito tem mercadológica e publicitariamente um engano de liberdade e de busca incessante pelo ideal do eu I(A), o que marca a dinamicidade de sintomas que estão vinculados a esse momento histórico, onde se presentifica a tristeza avassaladora no sujeito. O sofrimento, o desamparo, a culpa e a incerteza são sintomas que constituem o preço pago por viver nessa cultura.

Assim, depreende-se que esse mesmo sujeito, diante desse imperativo de felicidade e na incapacidade de uma posição subjetiva e estrutura linguística que favoreça a construção de significantes, recolhe-se ao isolamento e à produção de um furo no psiquismo, o que se busca recobrir com excessiva medicalização, drogas, passagens a ato e formas outras de tamponamento do sofrimento.



Vivemos sob o domínio do discurso capitalista, em que os homens não se cercam mais de outros homens e sim de objetos produzidos pela tecnologia; suas relações sociais não estão centradas nos laços com outros homens, mas na manipulação de mercadorias e mensagens. Essa deterioração dos laços sociais e o empuxo ao prazer solitário, realizando a economia do desejo do Outro, estimulam a ilusão da completude não mais com um par, porém com um parceiro conectável e desconectável ao alce das mãos. O resultado não pode ser senão a decepção, a tristeza, o tédio e a nostalgia do Um em vão prometido (QUINET, 2006, p. 170).

Diante a homogeneização da cultura, a singularidade do sujeito encontra pouco espaço de sobrevivência. Esta era busca homogeneizar os indivíduos, em um jogo de imagens, sons e encurtamento tempo-espço, cuidando de cobrir a falta desejante desse sujeito, o que leva esse indivíduo a uma posição de inibição afetiva e graves sofrimentos, marcado pela ausência do sentido para o existir, sendo mais um personagem na 'sociedade do espetáculo' (DEBORD, 1997).

Nesse sentido, o sujeito passa a valer pelo que aparenta ser (imagem) e ter (bens). Para isso, faz-se necessário buscar a melhor performance possível, o modelo desejado socialmente de imagem, os bens (tecnologias - objetos móveis e imóveis) da moda. Nesse contexto de mundo moderno, presenciamos uma proliferação de novas formas de subjetivação, sendo algumas dolorosas, desastrosas para o sujeito que a experiencia.

Desse modo, ocorre nessa sociedade uma valorização do narcisismo, promovendo no sujeito uma impossibilidade de simbolizar o mal-estar. Uma sociedade narcisista favorece a emergência de patologias narcísicas, a exemplo da melancolia. O estado melancólico é um dos sintomas de sofrimento psíquico que na modernidade se apresenta como um modo possível de representação do mal-estar que acomete o sujeito em seu modo singular de representação da efemeridade da vida cotidiana. (BIRMAN, 2012).

A melancolia, enquanto quadro clínico, sofre na atualidade algumas etiquetagens, que a coloca enquanto sinônimo de depressão e de outras categorias genéricas que se aproximam deste estado, ou ainda do senso comum, onde aparece análoga a situações nas quais um indivíduo apresenta uma manifestação subjetiva em momento específico de sua vida e que lhe remete a vivências de tristeza. Assim, ocorre generalizações - estão 'todos deprimidos' - mascarando outros modos de subjetivação.

Generalização dada prioritariamente pelo imperativo de saúde e do dever de felicidade que caracteriza nossa atual sociedade utilitarista, sustentados por um discurso da ciência, para novos males novos remédios, ou seria, para novos remédios novos males?



A dor de existir: o sujeito frente ao mal-estar na atualidade

Freud (1914/1996), em *Luto e melancolia*, coloca que a melancolia está ao lado das neuroses narcísicas. Posição subjetiva presente na cultura vigente e que determina um superinvestimento no ideal do eu. Freud, salienta ainda a importância do trabalho de luto para elaborar a dor e a tristeza que envolve o *eu*.

No entanto, *culpa* e *conflito* são colocados na literatura que trata do tema como elementos diferenciadores da melancolia. Encontra-se no discurso melancólico a presença da culpa, do desejo de punição/morte, da idealização sádica, de uma perda que não pode ser nomeada, levando o sujeito a uma depreciação e um desinvestimento radical, *a infelicidade se impõe como real a partir do momento em que a dor não tem sentido* (SOLER, 2007, p. 52).

É sabido que a atualidade propicia a emergência de sofrimentos psíquicos diversos nos sujeitos, em uma supremacia que ordena o gozo, que nada falte ao sujeito. Assim, a melancolia não se apresenta enquanto um efeito da civilização, mas como um mal-estar na civilização.

A cultura oferece objetos cada dia mais sofisticados aos sujeitos, e os sujeitos os recebem na ilusão de uma necessidade, com a ideia de poder preencher o que lhes 'falta'. O objetivo de tanta criação eletrônica, farmacêutica, mercadológica e da internet é que nada falte ao sujeito, o que é da ordem do real. Nada preencherá o sujeito, a falta é constitutiva do ser humano, a cada conquista formula-se nova demanda, novo desejo.

Neste contexto sócio histórico, situam-se manifestações subjetivas, marcadas pelos avanços científicos que oferecem em anúncios a promessa de felicidade. Nesse momento, a felicidade, tal qual prometida ao sujeito, não perpassa por trocas simbólicas, mas encontra-se materializada na obtenção de objetos, na juventude eterna e na ausência de sofrimento.

No entanto, Freud (1926/1996), em *Inibição, Sintoma e Angústia*, deixa-nos entender que a todo momento na vida, o sujeito está suscetível a perdas, perdas que são responsáveis pela chegada de experiências dolorosas ligadas às contingências do sujeito, sua incompletude, castração e finitude. Na atualidade, o sujeito deseja eliminar a dor de existir, mas não só isso, deseja ainda, não se responsabilizar, não arcar com o preço pago por viver.

O sujeito na cultura moderna sofre por estar submetido à tristeza, por não ser capaz de alcançar o ideal de felicidade por não preencher a falta que lhe é constitutiva. Causa inconsciente, o que gera culpa e a vida apresenta-se para esse sujeito cada vez mais vazia de significado e inicia-se um percurso com objetos quais



sejam: drogas, medicamentos, procedimentos estéticos, outros objetos de consumo e mesmo, passagem ao ato, na tentativa incessante de preencher o impreenchível.

Em primeiro lugar, o sujeito culpa a sociedade, que não coloca à sua disposição objetos adequados para seu gozo. Em segundo lugar, diz que a culpa é do Outro, ou seja, o Outro não dá o que ele quer. Mas o Outro, enquanto tal, é inconsciente, por que também a ele o gozo falta...O sujeito pode até pensar que o Outro é inteiro por causa do ideal do eu – I(A) – que o representa, mas quando o ideal cai e o sujeito se depara com a falta do/no Outro, ele não pode mais culpá-lo. E assim surge o terceiro culpado: Eros se retrai e Tânatos avança. O sentimento de culpa é o índice do supereu que vigia, critica e pune o sujeito. O resultado é a autodepreciação e a auto-acusação. O sujeito se sente culpado de sua impotência, pois sente o impossível como impotência, como se pudesse fazer alguma coisa e *não dê conta*. O não dar conta é sempre a queixa do impotente, mas na verdade trata-se de um *prestar contas* (QUINET, 2006, p. 176).

Assim, a melancolia dada no encontro do sujeito com a culpa, pelo sentimento de impotência, difícil de ser significada na cadeia de significantes, representa uma perda em sua radicalidade, pois o objeto 'a' enquanto causa do desejo, está fora de jogo, provoca um furo no psiquismo. O que recai sobre o sujeito é a pura perda, a dor de existir, a autoacusação, a punição e a sombra da morte marcada pela passagem a ato (suicídio).

O apagamento do desejo coloca a morte como tema frequente na fala do melancólico. A morte é o ato no qual se presentifica a desistência da vida e a vontade de morrer, não sente seu corpo, não tem órgãos, não só o psiquismo, mas também seu corpo físico são grandes vazios. O melancólico apresenta a ideia de que, *mais vale, no final das contas, nunca ter nascido, e se se nasce, morrer o mais depressa possível*. (QUINET, 2006, p.17).

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/2006), Freud destaca que um sujeito atormentado por uma dor, deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento. Esse sujeito (...) *enquanto sofre, deixa de amar* (p. 89).

Nos textos *Rascunho G* (1895/1996) e *Luto e melancolia* (1914/1996), Freud relaciona a dor à perda de um objeto, dor que é psíquica. Fazendo uma analogia entre melancolia e luto, momento no qual se faz referência à vivência dolorosa do sujeito com o luto, dor que é atribuída à necessidade de abandono de uma posição libidinal.

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição (FREUD, 1914/2006, p. 250).



Para Freud (1914/1996), a retirada de investimento libidinal de um objeto que foi perdido vem acompanhada de sofrimento, justamente pelo fato do *eu* ter que se separar do *objeto*, essa perda pode ser dada por diversas formas, assim como, diversos são os objetos que podem ser perdidos, cada sujeito elege o seu, e o modo de lida é sempre inconsciente. Se ressalta, desta forma aqui, que qualquer perda para o sujeito vai pressupor uma experiência de castração, uma vez que um vínculo, de alguma forma, teve de se romper, no entanto, na melancolia o laço entre objeto perdido e sujeito se mantém enigmaticamente.

Assim, a clínica constitui-se como o lugar por excelência onde a fala do sujeito melancólico diz de um direcionamento de ódio, de uma fantasia dolorosa, contra o objeto perdido, que antes era amado/desejado.

A enigmática experiência do sujeito na melancolia

Freud, no *Rascunho G* (1895/1996, p.246), coloca a angústia, como um dos sintomas presentes no melancólico, somando-se aos sentimentos de culpa, destrutividade e tristeza radical. Para esse autor, *a melancolia surge numa combinação típica com a angústia intensa*. Esses são ensinamentos que precisam ser considerados no direcionamento de um tratamento.

O sentimento de culpa, e colado a esse, o de destrutividade e a angústia que faz borda à passagem ao ato (suicídio) tão presente na melancolia, por vezes, desempenham papel menor em algumas terapêuticas para o diagnóstico e direcionamento do tratamento na atualidade, quando deveria acontecer de modo contrário.

A perda melancólica não se constitui em uma perda comum. O sujeito melancólico permanece ligado a seu objeto de amor, de maneira patológica, mesmo após a perda/afastamento definitivo desse objeto. Na melancolia, o sujeito não só perde o objeto de desejo, ele se torna alguém que não abre mão do laço que o liga a esse objeto que foi perdido, em uma ligação enigmática, formadora de um lugar vazio. Essa experiência enigmática aponta para alguns traços profundamente radicais que acontecem na melancolia. O do indivíduo melancólico é quem sofre um empobrecimento e uma perda avassaladora.

No processo de melancolia, o indivíduo constrói um enlaçamento entre a sua imagem narcísica – esvaziada, empobrecida, fragmentada, desolada, penosa – e uma ideia de impotência. Portanto, torna-se necessário no tratamento a compreensão da origem do laço que se tornou patológico para o sujeito em algum momento de sua vida.



O deprimido é capaz de construir uma rede de significantes, produzindo simbolização de seu mal-estar na tentativa de superação. O melancólico está preso às correntes da fatalidade, de um destino frente ao qual ele nada pode fazer, tomado pela angústia, há aí, na melancolia, uma causa incógnita, uma quebra na cadeia de significantes.

A clínica psicanalítica na contemporaneidade mostra que, comumente, a inibição, ausência de investimento do *eu*, desvela os cruéis golpes do superego, formador da culpa, e abre caminho para o campo do padecimento melancólico, momento em que surge fortemente a ação de sintomas ferozes e destrutivos. Tais aspectos são conjugados também com o aparecimento dos sentimentos inconscientes de culpa, necessidade de punição, angústia e isolamento.

A melancolia revela um impasse na clínica. Mais do que uma dificuldade, a clínica mostra que esse impasse denota uma impossibilidade de o paciente fazer uma mediação simbólica com o objeto perdido, o que é possível de ser efetivado no luto. Diante dessa impossibilidade, o melancólico identifica-se ao objeto perdido, ato que constitui a causa da melancolia.

O ato analítico instaura uma visada do real pelo simbólico no tratamento, com a palavra. O “eu não sei” do sujeito – endereçado ao analista – localiza-se no lugar de um dizer, evidenciando o gozo na absorção da linguagem, do dito inconsciente. Nessa clínica, o analista presentifica-se em intervenções que dizem do seu desejo e, sustentado por uma ética, essas intervenções que favorecem um giro na posição do sujeito.

Quinet (2006) coloca que na clínica é a passagem da impotência para a impossibilidade que marca no sujeito o caminho de saída do estado melancólico. O sujeito, no tratamento, necessitará percorrer um caminho que o leve a significar a perda, a culpa, e que coloque a ausência do preenchimento da ‘falta’ na ordem de uma impossibilidade para o sujeito e não de uma impotência do ser.

O importante, além de acompanhar o processo e dele participar, é considerar que, nessa modificação das atitudes do sujeito ante os conteúdos de seus enunciados, o que está em questão é a produção de novas formas de subjetivação daquilo de que ele se queixa, o que não é simples nem automático. Implica mudanças na posição do sujeito na fantasia e na criação de condições para fazer frente ao recalcado, o que significa abrir o capítulo censurado de sua vida, e isso não se faz sem angústia. A que grau esta chegará dependerá dos obstáculos a serem transpostos e dos recursos simbólicos de que se dispõe. A angústia evidencia signos de franqueamento, abertura de passagens (COSER, 2003, p. 157).

Nesse momento, de encontro com o ato analítico, o sujeito pode intensificar seu culto ao niilismo, à introspecção e à morbidez, inibindo-se diante da vida, e



mais, desistindo dela. O analista tem responsabilidade nesse processo de significação do ato melancólico, quando aceita em seu consultório acompanhar um tratamento oferecendo-se transferencialmente em uma posição de objeto para o amor (re)acontecer. Freud (1917/1996, p.172) diz que o *que faz todo vivente se apegar à vida* é quando o amor se oferece como laço estruturador de um sistema e não adoece(dor).

De acordo com Freud e Lacan, a transferência no tratamento é o veículo através do qual o analista acolhe o mal-estar do sujeito. Ao apresentar ao analista uma série de queixas, o paciente aos poucos formula sua demanda, o que de algum modo se desloca de sua queixa inicial. O sujeito vai se apresentando, nas sessões, entre significantes, fazendo-se representar simbolicamente, de uma “fala vazia” a uma “fala plena”, a segunda traz a revelação da verdade do sujeito.

Um encaminhamento para o fim, sem conclusão

Este trabalho não lida com dados conclusivos sobre melancolia na modernidade, aqui encontra-se uma leitura, algumas proposições iniciais para, a partir de outros escritos, situar leituras mais aprofundadas sobre essa questão tão complexa.

A melancolia constitui-se em um significante na cultura, com um grupo seletivo de sintomas que se presentifica no sujeito na atualidade. O sujeito na melancolia, descreve seu eu como indigno, culpado, incapaz de qualquer realização para o bem e moral e socialmente desprezível. Na modernidade freudiana, assim como nessa época moderna, o mal-estar constitui-se em conflitos psíquicos relacionados ao mal-estar na cultura e se apresenta como dor, alojando-se especialmente no corpo, mas sem destituir as categorias de pensamento e de linguagem como eixos ordenadores dos sintomas.

As transformações subjetivas, causa estrutural deste trabalho, acontecem nesta leitura, considerando a necessidade de o sujeito ter que responder a uma estrutura singular, mas também, que se reveste em demandas da/na sociedade, bem como aos apelos mercadológicos, demanda-se do sujeito o tempo todo. Na atualidade, o sujeito vive em um enlace *desejos-entre-queixas* (demanda singular, demanda social).

Para tanto, deparar-se com o horror e a tristeza diante da verdade do sexo e da morte está na estruturação do sujeito, o que o sobrecarrega, o que ele não aguenta, é o que faz a sociedade (perversa) que empurra o sujeito para o fronte com a verdade toda, para uma selvageria, que só serve para um gozo melancólico.



Referências

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro, editora Civilização Brasileira, 2012.

COSER, O. **Do gozo, do bem e da satisfação no mal**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. Coleção Loucura & Civilização, 2016.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: editora Contraponto, 1997.

FREUD, S. Luto e melancolia (1914). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.14. 1996.

_____. Sobre o conceito de narcisismo: uma introdução (1914). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.14. 1996.

_____. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.20. 1996.

_____. O mal-estar na civilização (1931). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.20. 2006.

_____. Rascunho G (1895). In: **Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v.1. 1996.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro, editora Imago, 1983.

QUINET, A. **Psicose e laço social**. Rio de Janeiro, editora Jorge Zahar, 2006.

SOLER, C. **Inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.